

DESENRAIZADO DE SI*

Eva LANDA**

Resumo: As noções de nacionalismo, patriotismo, identidade étnica e pertença parecem atualmente destinadas a confrontar-se. A *clínica do desenraizamento* concerne àqueles que sofrem o desmantelamento de estruturas tradicionais e as transformações do que consideram como « sua » terra e « seu » povo, numa espécie de *exílio de um paraíso perdido*, assimilado a uma imagem imutável de pátria ou nação.

Palavras-chave: Nacionalismo; Racismo; Fanatismo; Narcisismo das pequenas diferenças; Ideal.

Résumé : De nos jours, les notions de nationalisme, patriotisme et appartenance semblent destinées à se confronter. La *clinique du déracinement* concerne ceux qui subissent l'effondrement des structures traditionnelles et les transformations de ce qu'ils considèrent comme « leur » pays et « leur » peuple, dans une sorte d'*exile d'un paradis perdu*, assimilé à une image figée de patrie ou de nation.

Mots-clés : Nationalisme ; Racisme ; Fanatisme ; Narcissisme de petites différences ; Idéal.

Nossa época se caracteriza, talvez mais do que qualquer outra, por migrações e deslocamentos em grande escala, em razão de perseguições políticas, guerra e pobreza (quando não se trata da busca individual de uma felicidade que se imagina encontrar alhures que na terra natal), mas também em virtude de mudanças, econômicas entre outras, abalando fronteiras mais ou menos estabelecidas. As noções de nacionalismo, patriotismo, identidade étnica e pertinência parecem destinadas a confrontar-se. Poder-se-ia assim acrescentar à *clínica do exílio*, mencionada por F. Benslama¹, uma *clínica do*

* Esta é a versão revisada de um texto inédito em língua portuguesa, publicado originalmente na revista *Le Coq-Héron*, n.º 162, septembre 2000, p. 35 – 40 (tradução da autora, inclusive citações).

** Eva LANDA é psicanalista, doutora em Psicopatologia Profunda e Psicanálise pela Universidade Paris VII e membro do comitê de redação da revista *Le Coq-Héron*.

¹ BENSLAMA, F., *Epreuves de l'étranger*, in Ménéchal, J. e col., *Le risque de l'étranger. Soins psychique et politique*, Paris, Dunod, 1999.

desenraizamento, concernindo àqueles que, estando « em casa », sofrem o dismantelamento de estruturas tradicionais e as transformações do que consideram como « sua » terra e « seu » povo, numa espécie de *exílio de um paraíso perdido*, assimilado à dismantelamento de estruturas tradicionais e as transformações do que consideram como idéia essencializada de pátria ou nação. Evidentemente, essas « clínicas » devem constituir sobretudo uma perspectiva que permita considerar certos processos de maneira acurada e não uma fragmentação da clínica psicanalítica em especializações.

O termo *nacionalismo* é antes de mais nada bastante ambíguo: o nacionalismo de um povo que aspira a liberar-se de uma forma concreta de dominação difere do nacionalismo que é invocado para justificar uma dominação, ou daquele que inventa um inimigo imaginário de sua soberania num momento de crise social.

A polêmica em torno do termo *nacionalismo* deve-se freqüentemente a suas associações (por vezes contraditórias) com outras doutrinas e ideologias. Em particular, seria o nacionalismo indissociável do racismo e da xenofobia? Essa confusão pode conduzir paradoxalmente à rejeição da diferença e de qualquer forma de pertinência que não seja à humanidade em geral.

Segundo P.-A. Taguieff, as primeiras aparições das noções de « racista » e « racismo » relacionavam-se justamente com as discussões em torno do nacionalismo. Por volta de 1890, ser um « verdadeiro francês » era ser « racista » (neologismo que indicava então que « *o verdadeiro francês era o ser enraizado na substância permanente da França, fundamento da « raça » francesa* »², cuja integridade devia ser preservada). Nas décadas de vinte e trinta, a rivalidade franco-alemã produziu uma inflexão: « *O « racismo » é um nome atribuído propriamente ao inimigo e supostamente inaplicável, por definição, à tradição francesa. Se o nacionalismo francês é pois radicalmente distinto do racismo alemão, identificado ao pan-germanismo, é também porque o nacionalismo alemão é um pseudo-nacionalismo, um nacionalismo corrompido por excesso de instinto ou subjetividade, e pela ausência de razão* »³.

As mesclas ideológicas são portanto complexas. De um modo geral, o nacionalismo é definido como um sentimento de identidade nacional exaltado, apaixonado, que nos faz pensar no fanatismo, detalhe que Voltaire não deixou de observar: « *Há uma espécie de fanatismo no amor pela pátria que se pode chamar de culto do lar. Apega-se aos costumes, às leis, à religião e é aí sobretudo que merece essa denominação* »⁴. O nacionalismo se relacionaria pois com um « *certo totalitarismo moral e ideológico* [que]

² TAGUIEFF, P.-A. (1987) *La force du préjugé. Essai sur le racisme et ses doubles*, Paris, Ed. La Découverte, 1990, p. 126.

³ TAGUIEFF, P.-A., *op. cit.*, p. 135.

⁴ *Encyclopédie ou Dictionnaire universel raisonné des connaissances humaines*, Yverdon, 1772, t. XVIII, p. 333, citado in HAYNAL, A., MOLNAR, M., PUYMEGE, G. de, *Le fanatisme, ses racines. Un essai historique et psychanalytique*, Paris, Ed. Stock, 1980, p. 53.

suporta mal a pluralidade das opções, das fidelidades ou das pertinências »⁵. O mínimo que se pode afirmar, em todo caso, é que os desvios do sentimento de identidade nacional não seriam alheios ao fenómeno do fanatismo.

M. Molnar menciona suas primeiras experiências com os « fanáticos »: a leitura da descrição, em um romance irredentista húngaro, dos jovens eslovacos que defendiam a união tchecoslovaca:

*« Não devia eu então recitar todas as manhãs na escola, ao fim da breve oração oficial escolar: « A Hungria mutilada não é um país, a Hungria íntegra é um paraíso... »? Como os jovens Sokols do romance queriam precisamente destruir esse paraíso, eram rejeitados de imediato, em meu espírito, num universo hostil, estranho, fora das coisas e valores normais [...] Nem por um instante duvidava que eu próprio pudesse estar sendo vítima de um fanatismo irredentista, sabiamente inoculado na mentalidade de minha geração. Só muito mais tarde tomei consciência disso, mas sob uma forma ideológica incapaz de extirpar o fundo subconsciente e irracional de meu « fanatismo » nacionalista infantil [...] ainda hoje, acho mais fácil e sobretudo mais natural racionalizar o nacionalismo húngaro – e dessa forma explicá-lo e mesmo valorizá-lo – ... que o dos « outros ». »*⁶

Como mostra A.-M. Thiesse, para construir as identidades nacionais europeias no século XIX foi necessário inventar um passado glorioso, antepassados comuns e outras representações da coesão entre nações; a autora acrescenta que a nação « *só vive através da adesão coletiva a essa ficção* »⁷, fruto da educação. Na curta porém densa citação que extraímos do texto de Molnar, pode-se encontrar um tal processo de construção e mesmo de « invenção » do sentimento nacional (e nacionalista) desenvolvido desde a infância, através dos meios de comunicação ao alcance de uma sociedade determinada (no exemplo mencionado, o ensinamento escolar, a literatura). Tais representações tornam-se parte integrante da base de certezas de cada um, da « normalidade das coisas e dos valores ».

Os psicanalistas não deixarão seguramente de notar a utilização de imagens dotadas de um poderoso conteúdo emocional - *a mutilação aniquiladora em oposição à completude paradisíaca* - que remetem por um lado às angústias de castração, fragmentação e aniquilação e, por outro, às aspirações narcísicas. O exemplo dado por

⁵ « Assim todo nacionalismo tende, de maneira mais ou menos explícita e importante, ao estabelecimento de um certo totalitarismo moral e ideológico; suporta mal a pluralidade de opções, fidelidades ou pertinências, ou melhor, suporta-as apenas quando estas se harmonizam com as instituições e princípios, aceitos por todos, que fundamentam a unidade nacional. » (Encyclopaedia Universalis France S.A., verbete « Nation - Le nationalisme », 1998).

⁶ HAYNAL, A., MOLNAR, M., PUYMEGE, G. de, *op. cit.*, p. 17-8.

⁷ THIESSE, A.-M., *La création des identités nationales. Europe XVIIIe. - XXe siècle*, Paris, Ed. du Seuil, 1999, p. 14.

Molnar mostra-nos então a poderosa eficácia do ensinamento do nacionalismo quando este faz apelo a imagens com uma forte conotação inconsciente.

Muitos psicanalistas, a começar pelo próprio Freud, tentaram aclarar a participação do inconsciente em tais fenômenos a partir de diversas perspectivas, vasto campo que não podemos examinar aqui em detalhe; vale ressaltar, aliás, que a abordagem psicanalítica não pode reduzir os fenômenos coletivos unicamente à sua dimensão inconsciente, mas essa dimensão também não pode ser ignorada.

Freud, em seu texto sobre a psicologia de massas, utiliza sua noção original de *narcisismo das pequenas diferenças* como a via mais curta para demonstrar que são os vínculos libidinais que caracterizam a massa.

Os homens oscilam entre o desejo de aproximarem-se uns dos outros e o de se afastarem (como os porcos-espinhos no apólogo de Schopenhauer). A aversão dos estranhos-próximos seria « *a expressão de um amor de si-mesmo, de um narcisismo que aspira à sua auto-afirmação e comporta-se como se a presença de um desvio em relação às modalidades de sua conformação individual implicasse uma crítica destas e um convite a reconfigurá-las* »⁸. A intolerância dissipa-se apenas na massa, que conduz os indivíduos a se verem como semelhantes e a tolerarem as especificidades. Ora, uma tal restrição do narcisismo só pode ser criada pela ligação libidinal entre os elementos da massa; os indivíduos podem identificar seus egos porque colocaram um mesmo objeto no lugar de seu ideal do ego.

Mais tarde, em seu texto sobre o mal-estar na cultura⁹, a identificação entre os elementos da massa não parece mais suficiente, na opinião de Freud, para evitar a tendência à agressão que ameaça as relações humanas; é preciso, além disso, que aqueles que permanecem fora do grupo possam ser tratados como inimigos. Essa idéia já fora avançada no texto sobre a ilusão religiosa, onde Freud mostra que o ideal cultural constitui uma fonte de satisfação narcísica e uma garantia de coesão interna do grupo, ameaçado pela hostilidade à cultura por parte daqueles que são por ela oprimidos. Ao mesmo tempo, o ideal torna-se uma causa de discórdia entre grupos culturais diferentes: « *A satisfação narcísica proveniente do ideal cultural faz assim parte dessas forças que, no seio da esfera cultural, contrapõem-se com êxito à hostilidade à cultura. Não apenas as classes privilegiadas, gozando dos benefícios dessa cultura, podem dela participar, mas também os oprimidos, pelo fato de que a justificativa para desprezar os que se encontram no exterior oferece uma compensação aos prejuízos que sofrem em sua própria esfera* »¹⁰.

⁸ FREUD, S. (1921c) *Psychologie des masses et analyse du moi*, *G. W.*, t. XIII, p. 73-161, trad. franç. J. Laplanche e col., *Oeuvres complètes. Psychanalyse*, vol. XVI, Paris, P.U.F., 1991, p. 40.

⁹ FREUD, S. (1930a [1929]) *Le malaise dans la culture*, *G. W.*, t. XIV, p. 421-506, trad. franç. J. Laplanche e col., *Oeuvres complètes. Psychanalyse*, vol. XVIII, Paris, P.U.F., 1994, p. 300.

¹⁰ FREUD, S. (1927c) *L'avenir d'une illusion*, *G. W.*, t. XIV, p. 325-380, trad. J. Laplanche e col., *Oeuvres complètes. Psychanalyse*, vol. XVIII, Paris, P.U.F., 1994, p. 153. J. DOLLARD, autor de *Caste*

Os ideais culturais compartilhados permitem então garantir a coesão interna de um grupo, conter as angústias grupais de fragmentação e apaziguar as angústias individuais; o narcisismo é restringido, mas para melhor recuperá-lo através da fusão a uma entidade mais ampla, protetora e idealizada. Ora, a idéia de nação, enquanto « *organismo imutável, sempre idêntico a si mesmo através das vicissitudes da história* », correspondeu longamente a essa entidade, fornecendo símbolos compartilháveis, além de uma espécie de fraternidade a partir de antepassados supostamente comuns. Entretanto, sua passagem ao Estado-nação, como sugere Thiesse, fez aparecer uma angústia face a seu possível desaparecimento: « *A nação eterna, encarnando-se, torna-se sujeita à enfermidade e à mortalidade. No momento em que o Estado-nação triunfa como forma de organização política por excelência, no final do século XIX, o discurso sobre a decadência da nação adquire toda sua força. Contemporâneo do biologismo social, denuncia uma desagregação interna atribuída a uma patologia afetando o corpo da nação e conclui por uma exortação: é preciso regenerar a nação. Como pano de fundo encontram-se duas visões médicas da etiologia e do tratamento das doenças: invasão do organismo por agentes externos agressivos, ou então debilitação. Ou se trata – na versão do nacionalismo integral, freqüentemente xenófobo e anti-semita – de uma denúncia dos germes prejudiciais ou parasitas que convém expulsar do corpo nacional, ou – na versão mais comum – o enfraquecimento é atribuído a uma negligência criminoso, por parte dos membros da nação, de suas origens, de sua tradição, de sua alma, nas quais devem com toda urgência voltar a imergir* »¹¹. Em nossos dias, quando as mudanças econômicas obrigam os Estados-nação a formarem conjuntos mais vastos, observa-se uma tendência de retorno à idéia de nação-refúgio, mas também de nação-ameaçada (do exterior e do interior), buscando criar uma coesão baseada no medo e na xenofobia. Evidentemente, esse fundo imaginário pode influenciar a avaliação de possíveis perigos reais, representados por parcelas minoritárias e extremistas de populações estrangeiras ou percebidas como tal (por exemplo, no caso do terrorismo).

O discurso sobre a decadência da nação, como catástrofe por vir ou já consumada, tentaria pois encontrar respostas às angústias criadas pela distância entre o ideal e o existente, entre a nação eterna e a nação encarnada, sujeita a mudanças e mesmo à morte; esse sonho impossível de retorno a um ideal tão imutável quanto imaginário pode implicar o exercício da violência contra os supostos obstáculos ao retorno almejado. Como já foi dito, a capacidade de propagação de um tal discurso, intensificada em momentos de crise social, não pode ser reduzida apenas a seus aspectos psicológicos. Sem excluir então a influência de fatores de outra ordem, pode-se pensar que a adesão individual extrema a esse discurso exprime uma negação da temporalidade e uma impossibilidade de renunciar a essa volta ao passado, o sujeito não conseguindo

and Class in a Southern Town faz referência (em outros termos) a esse ganho narcísico dos oprimidos fornecido pelo desprezo dos estranhos próximos, portadores de pequenas diferenças, no caso do preconceito anti-negros dos « pequenos brancos » americanos.

¹¹ THIESSE, A.-M., *op. cit.*, p. 230.

reconhecer-se na mudança ou conservar a esperança de modo a investir um projeto no futuro¹².

A adesão individual aos ideais culturais pode assim ajudar a fortalecer um sentimento de coesão interna, mas a problemática identificatória, no que diz respeito à relação singular do sujeito a suas pertinências grupais, representa algo de muito mais complexo. Os enunciados culturais enquadram a problemática identificatória, sem confundirem-se com esta, e garantem os pontos fundamentais de certeza do sujeito, tornando-o independente da verdade proclamada por outros indivíduos ou pelo discurso parental e abrindo uma possibilidade ao indivíduo de realizar, até certo ponto, um « desejo de imortalidade ».

A propósito do contrato narcísico entre o sujeito e o conjunto, P. Aulagnier mostra que o grupo fornece um suporte à libido narcísica, pré-investindo o *infans* como voz futura que tomará nele o lugar de um elemento morto. O conjunto existe, pois, graças à sua capacidade de imantar a libido narcísica dos sujeitos em direção de um modelo ideal, independentemente da função que podem aí exercer o líder e o ego-ideal¹³.

Ora, o desenvolvimento de uma vida de fantasia é o que permite criar uma relação singular às referências sócio-culturais. A noção de *pertinência ao infantil*¹⁴, desenvolvida por Maurice Dayan, parece particularmente apropriada à discussão sobre as pertinências sócio-culturais, mesmo que ela certamente não implique analogia ou transposição direta de conceitos do campo sócio-cultural ao psicanalítico. O autor aponta que na origem das visões de mundo singulares encontram-se fatores gerais, entre os quais as pertinências históricas e culturais (mas igualmente o sexo, a idade etc.); o fundamental, porém, deriva das posições primárias em torno das quais o inconsciente se forma, assim como da esfera de possibilidades à qual pertencem as histórias individuais. O sujeito procura repetir seu tratamento singular do real, reencontrando sua identidade para além das diferenças.

É o que parece ocorrer com Peter, adolescente alemão de dezoito anos, cujo caso nos é contado por W. Bohleber¹⁵ e que desde a primeira entrevista fala de seu amor pela Alemanha e da importância de uma « Alemanha forte ». O momento histórico corresponde à tentativa da Alemanha de « normalizar » sua história e identidade política, ao custo de negar o período nazista (a reunificação estimulando ainda mais o desejo de romper com o passado); os judeus são então vistos como uns « estraga-prazeres », que

¹² P. Aulagnier, parafraseando Freud, propôs um *princípio de permanência* e um *princípio de mudança* regendo o funcionamento identificatório, para dar conta da necessidade que tem o Eu « *de reconhecer-se naquilo em que se transforma, apesar do que se modifica, desgasta-se ou perde-se em si mesmo e em seus objetos, ao longo do caminho, e isso contrariamente à pressão à flor da consciência de seu desejo, apesar de seu amor infantil* » (AULAGNIER, P., *Un interprète en quête de sens*, Paris, Ramsay, 1986, p. 418).

¹³ AULAGNIER, P. (1975) *La violence de l'interprétation. Du pictogramme à l'énoncé*, Paris, P.U.F., 1981, p. 188.

¹⁴ Cf. DAYAN, M., *Inconscient et réalité*, Paris, P.U.F., 1985.

¹⁵ BOHLEBER, W., *Nationalism, xenophobia and anti-semitism*, paper destinado ao Painel do Grupo especial de discussão sobre o anti-semitismo do Congresso de Buenos Aires da IPA, 1991.

não permitem esquecer os crimes nazistas e impedem os alemães de guardarem uma identificação ingênua e perfeita com a história nacional.

Bohleber distingue, aliás, o *sentimento coletivo de identidade* e o nacionalismo, as origens deste último residindo com frequência nas feridas infligidas ao primeiro ; faz ainda referência a uma « fantasia coletiva de nação » e a « relações fantasiadas às instituições sociais », fruto da externalização de conflitos e de angústias individuais. Para o autor, a idealização nacional tem o sentido de uma união inconsciente, narcísica e pré-ambivalente com a mãe. Menciona ainda outros fatores assinalados em diversos estudos, como a ambivalência quanto à autoridade paterna, as falhas desta (que podem conduzir à busca de um líder representando um pai poderoso e autoritário) e a existência de um Superego frágil ou arcaico, tornando o indivíduo suscetível de aderir às ideologias grupais (substituindo sua solidão e seu desamparo por um sentimento oceânico de expansão). Bohleber acrescenta que o corpo constitui uma metáfora da nação profundamente enraizada no pensamento coletivo inconsciente da cultura européia. Para o imaginário alemão, a nação é um organismo vivo, capaz de responder à necessidade de tornar-se parte de um todo orgânico ; a pátria (etimologicamente, a terra do pai) seria nesse registro uma terra-mãe idealizada e, como toda idealização, indissociável da necessidade de salvaguardar sua pureza pela expulsão do que é « mau ».

Peter desenvolve uma violenta rejeição dos estrangeiros; quer pertencer aos alemães. Sua fantasia da Alemanha como uma comunidade naturalmente constituída exclui a integração dos elementos estrangeiros « diferentes », que lembram sua própria heterogeneidade e desunião internas. O adolescente evita ficar só; quando suas ilusões de controle onipotente do grupo fracassam, procura refúgio em suas fantasias heróicas ou em sua mãe (oriunda de uma família tradicional, esta é descrita como fria, estrita e dominadora); em outros momentos, “absorve a força” das músicas alemãs ou do contato com a natureza. Peter não percebe fronteiras claras entre si mesmo e os outros, podendo assim incorporar suas qualidades e características: participa dos êxitos e conquistas dos alemães, dispensando-se de realizá-las por si mesmo ou enfrentar rivalidades.

Segundo Bohleber, Peter teme a exclusão, como punição por seus próprios desejos de expulsão ou destruição do pai e do irmão. O pai do adolescente é bem uma espécie de « estrangeiro » na família: sem qualificação profissional, fraco, estimula os devaneios do filho e não o ajuda a separar-se da mãe, embora ele próprio tenha alcançado um certo grau de autonomia (como os estrangeiros, que se afastaram da terra natal). Pela incorporação de « bons objetos alemães », Peter tenta anular a separação e refazer a antiga fusão com a mãe arcaica; quando sente-se parte do objeto idealizado « Alemanha », não corre mais o risco de ser expulso.

Gostaríamos de apresentar uma leitura um pouco diferente de certos elementos desse caso e desenvolver alguns pontos menos explorados do interessante texto de Bohleber.

Primeiramente, há o fato que o adolescente consulta o psicanalista em razão de estados difusos de angústia incontroláveis, que o acometem desde que fora submetido a uma pequena cirurgia, um ano atrás : pode-se pensar que a problemática nacionalista ofereceu-lhe não apenas uma compensação, mas também um modelo de explicação para o que acontece a esse corpo, que se torna de repente frágil e vulnerável. Além disso, os esforços de Peter para fundir-se em uma Alemanha forte buscariam refazer um momento « pré-traumático » (o traumatismo atual constituindo provavelmente uma reedição de traumatismos mais antigos): a forte dependência em relação à mãe estrita e fria parece já revelar um fracasso da fusão na fase em que esta seria vital para a criança. A ameaça à integridade corporal pode ter representado a « prova » de que qualquer tentativa de separar-se dessa mãe seria punida, talvez mais do que constituir uma punição para os desejos de guardar a mãe exclusivamente para si (e os conseqüentes desejos de expulsar pai e irmão). Peter teria descoberto seu próprio corpo vulnerável e fraco como seu pai (a « desgraça da família », para utilizar seus termos), identificação em contradição com o ideal maternal.

Outro ponto interessante a discutir é o apego de Peter à Floresta Negra; este parece ligado a seu amor pela natureza em geral, símbolo materno, mas não se pode esquecer que a Floresta Negra é também o lugar de origem de seu pai. Em seus devaneios, Peter quer entrar em comunhão com os homens e a natureza; quando permanece na casa rústica da aldeia paterna, sente que as forças lhe afluem; quando passeia pela floresta, sente-se radiante e prefere ficar só (suporta a separação). Bohleber sugere que o adolescente projeta na natureza a imago de uma mãe onipotente, que o protege da realidade associada à « cidade ». Pensamos, contudo, que a Floresta Negra representa ainda a possibilidade de um encontro harmonioso entre pai e mãe, entre a casa paterna e a natureza; Peter pode assim refazer em sua história um ato de amor que lhe teria dado origem, em que o pai é amado e valorizado pela mãe, apesar dos conflitos da dupla parental e de seus próprios desejos ambivalentes.

Canetti, referindo-se aos símbolos de massa nacionais, afirma que o símbolo da Alemanha era o exército, mas acrescenta que « *o exército era mais do que o exército: era a floresta em marcha* »¹⁶. O desenraizado de si entrevê, por momentos, a possibilidade de recuperar raízes a partir das quais poderá projetar-se no futuro (ou em direção ao céu, como as árvores?). Não por acaso, o discurso dos ideólogos do nazismo e de algumas correntes atuais da extrema-direita procura justamente opor os *povos da floresta* aos *povos do deserto*. Os entrecruzamentos entre o coletivo e o individual são inesgotáveis.

¹⁶ « *Nenhum país do mundo guardou de maneira tão vivaz como a Alemanha o sentimento da floresta. O rígido paralelismo das árvores eretas, sua densidade e seu número enchem o coração do alemão de uma alegria profunda e misteriosa. Ainda em nossos dias, ele se compraz em visitar a floresta na qual viveram seus antepassados e sente-se unido às árvores* » (CANETTI, E. (1960), *Masse et puissance*, Paris, Gallimard, 1990, p. 183).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AULAGNIER, P. (1975) La violence de l'interprétation. Du pictogramme à l'énoncé, Paris, P.U.F., 1981.
- AULAGNIER, P., Un interprète en quête de sens, Paris, Ramsay, 1986.
- BENSLAMA, F., *Epreuves de l'étranger*, in Ménéchal, J. e col., Le risque de l'étranger. Soins psychique et politique, Paris, Dunod, 1999.
- BOHLEBER, W., *Nationalism, xenophobia and anti-semitism*, paper destinado ao Painel do Grupo especial de discussão sobre o anti-semitismo do Congresso de Buenos Aires da IPA, 1991.
- CANETTI, E. (1960), Masse et puissance, Paris, Gallimard, 1990.
- DAYAN, M., Inconscient et réalité, Paris, P.U.F., 1985.
- Encyclopédie ou Dictionnaire universel raisonné des connaissances humaines, Yverdon, 1772, t. XVIII, p. 333, citado em HAYNAL, A., MOLNAR, M., Encyclopaedia Universalis France S.A., verbete « *Nation - Le nationalisme* », 1998.
- FREUD, S. (1921c) *Psychologie des masses et analyse du moi*, G. W., t. XIII, p. 73-161, trad. franç. J. Laplanche e col., Oeuvres complètes. Psychanalyse, vol. XVI, Paris, P.U.F., 1991.
- FREUD, S. (1927c) L'avenir d'une illusion, G. W., t. XIV, p. 325-380, trad. J. Laplanche e col., Oeuvres complètes. Psychanalyse, vol. XVIII, Paris, P.U.F., 1994.
- FREUD, S. (1930a [1929]) Le malaise dans la culture, G. W., t. XIV, p. 421-506, trad. franç. J. Laplanche e col., Oeuvres complètes. Psychanalyse, vol. XVIII, Paris, P.U.F., 1994.
- PUYMEGE, G. de, Le fanatisme, ses racines. Un essai historique et psychanalytique, Paris, Ed. Stock, 1980.
- TAGUIEFF, P.-A. (1987) La force du préjugé. Essai sur le racisme et ses doubles, Paris, Ed. La Découverte, 1990, p. 126.
- THIESSE, A.-M., La création des identités nationales. Europe XVIIIe. - XXe siècle, Paris, Ed. du Seuil, 1999.